

## CRÍTICA FEMINISTA À SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO DE MAX WEBER

Martina González

Mestranda em Ciências da Religião PUC-SP

Yury Puello Orozco

Mestranda em Ciências da Religião PUC-SP

**Resumo:** A crítica feminista à Sociologia da Religião de Weber, traçada por Kandal, Bolong e Erickson, e corroborada por testemunhas de seu tempo como Otto Gross e Troeltsch, coloca em evidência a tensão existente na Vida e obra de Weber entre racionalidade, grandeza, masculino, mundo público, religião ética, por um lado, e Eros, magia, religiões estáticas, feminino e cotidiano, por outro. O feminismo das autoras (Roslin W. Bolong e Victoria L. Erickson) considera a possibilidade de uma nova dinâmica, capaz de integrar as diferentes dimensões humanas, que permita às pessoas encontrar forças para resistir e superar as estruturas que as dominam.

**Palavras-chave:** Sociologia da Religião; feminismo.

**Abstract:** The feminist review about the of religion of Weber, planned by Kandal Bolong and Erickson, with testimony from then, like Otto Gross and Troeltsch, being come evidence the tension lives in the Weber's life and work between rationality, bigness, male, public world, ethic religions, on side, and Eros, magic, static religions, female and daily, from another side. The feminist from authoress thinks a possibility of a new dynamics, able to integrate the different human's dimension that let the people, find a power to resist and get over the structure that dominate them.

**Keywords:** Sociology of religion, feminist.

## Introdução

Com um olhar curioso e atento estudamos o pensamento de Weber, a partir de um enfoque diferente do que estamos acostumadas (os). Terri Kandal, Roslin W. Bologh e Vitoria Lee Erickson apresentam-nos suas análises, seu pensamento e suas perguntas feministas a respeito de um dos clássicos mais famosos da sociologia da religião: Max Weber.

Conduzem-nos, fazendo uso das teorias feministas, pela vida privada de Weber, atravessando seus conflitos pessoais, até chegar aos conflitos públicos que a sociedade de seu tempo lhe impunha.

As/os autoras/es feministas levaram-nos a entender que para Weber a religião vai ser a mediação entre a vida privada e a vida pública. Também nos desvendam o mistério da aparente separação entre razão científica, objetividade e os desafios, conflitos e sentimentos pessoais.

Terri Kandal, a partir da psicanálise, fornece-nos informação sobre o contexto familiar e social da vida e obra de Weber de maneira a iluminar os conflitos e contradições que perpassam sua vida e, conseqüentemente, sua Sociologia da Religião.

Para Roslin W. Bologh, a Sociologia da Religião de Weber permite-nos penetrar na dinâmica central de seu pensamento: a tensão entre amor e grandeza; segundo ela, toda a argumentação de Weber está em defender que, para conseguir a grandeza, deve ser evitado o amor, que torna os indivíduos e as nações vulneráveis à vontade dos outros.

Já para Vitoria Lee Erickson, toda a obra de Max Weber está perpassada pela tensão entre religião e magia, masculino e feminino, sociedade e comunidade, elite e massa. Segundo ela, Weber ajudou a entender o significado que teve para a religião ocidental o ascetismo protestante e a negação do corpo.

Foi com muita alegria e satisfação que constatamos a aplicabilidade das teorias feministas de uma maneira profunda na análise sociológica da religião. É uma análise que mostra a complexidade do fenômeno religioso, ao mesmo tempo que nos enriquece e nos ajuda para um melhor entendimento dele.

### O contexto social e familiar de Weber

Recolhemos aqui algumas informações sobre o contexto familiar e social da vida e

obra de Max Weber de maneira a iluminar contradições que aparecem em sua Sociologia da Religião, Segundo Kandal (1989, p. 127), a vida e obra de Weber são um espelho das contradições da Alemanha do século dezenove, que vive a dramática tensão entre industrialização, racionalidade científica e romantismo, por um lado, e a cultura altamente humanística e o autoritarismo irracional, por outro.

A unificação da Alemanha foi levada a termo por Bismarck e sua política de “sangue e ferro”. Criou-se um Estado onde se intensificaram e exageraram os elementos patriarcais da cultura do oeste europeu (Kandal, 1989, pp. 108-109). Weber e sua geração revelaram-se contra o autoritarismo de Bismarck, embora pensasse que talvez sua geração fosse apenas a herdeira imediata da geração que tinha fundado o moderno Estado alemão em toda a sua glória. Weber viveu intensamente os desafios e debates do seu tempo e sentiu-se responsável pelo futuro da nação (Kandal, 1989, p. 128).

### Contexto familiar

Os primeiros anos de sua vida transcorreram no clima de dominação de Bismarck em Berlim. Seu pai, Max Weber, foi um homem bem-sucedido na política. Sua mãe Helena Weber viveu de acordo com a ética e os valores espirituais do calvinismo. Max Weber, pai, foi um tirano dentro da casa e Helena Weber uma esposa e mãe, mártir no silêncio. A vítima deste casamento fracassado, o filho Max Weber, foi doentio, incomunicável, cheio de auto rejeição, medroso e com sentimento de inadaptação. Sua vida foi uma apologia, primeiramente com sua mãe e depois com sua esposa (Kandal, 1989, p. 129).

Weber vivia uma contradição interna em relação a seu pai e sua mãe. Utilizando a simbologia do complexo de Édipo, Kandal interpreta que Weber desejava ser Orestes, mas acreditava ser Édipo. Nunca tendo resolvido seu conflito interno — e pode ter sido o “modelo de autoconsciência masculina do Império Germânico”, — sempre duvidou de sua masculinidade, acreditando-se que foi impotente com sua esposa (Kandal, 1989, p. 130).

Em sua adolescência assumiu comportamentos extravagantes e exagerados para afirmar sua identidade masculina, até começar os estudos superiores, quando se tornou um brilhante intelectual (Kandal, 1989 p. 129). Segundo Mariane, Weber tinha um grande

poder no mundo dos homens, no domínio intelectual e político. Exercia uma forte atração no mundo das mulheres, mas ao mesmo tempo tinha uma grande dificuldade para se abrir, emocional e sexualmente. Havia em Weber uma ambiguidade quanto a ser homem no contexto patriarcal alemão (Kandal, 1989, p. 132).

Casou-se com Mariane Weber, uma mulher parecida com sua mãe, na nobreza dos valores éticos e na força de sua vontade. Olhar para a vida de Mariane Weber, e para o movimento feminista liberal da Alemanha deste tempo, com os quais Mariane e Max Weber estabeleceram contatos, permite ver aspectos da posição e valores da obra de Weber com relação à questão da mulher.

### **Relação com o movimento feminista liberal**

Kandal, ao descrever o feminismo liberal, observa que a consciência da classe média feminina estava intimamente unida à consciência do liberalismo alemão, ferida mortalmente com o fracasso da Revolução de 1848 e a consequente revolução, vinda de cima, do capitalismo industrial e a democracia burguesa. As lutas pelos direitos das mulheres desenvolviam-se sob a perspectiva do serviço moral e social à nação: feminilidade, moralidade, caridade e bem-estar social das mulheres da classe média eram metas fundamentais do movimento liberal-conservador. Em meio a esta situação, a partir de 1894 emergem grupos radicais de mulheres, aplicando os princípios do individualismo liberal e dando lugar, em alguns casos, ao mais avançado feminismo (Kandal, 1989, pp. 105-106).

Mariane Weber revelou-se contra o papel de doméstica de sua classe e foi a Berlim para estudar, o que significou um passo corajoso para seu tempo. Seu casamento com Weber lhe abriu o caminho para a carreira intelectual e o papel social de líder do movimento liberal de mulheres. Seus escritos revelam a posição deste movimento, moderado, em relação ao mais radical. Em seu ensaio sobre "O direito da Mãe" (Mutterrecht) questiona as teorias do matriarcado de Engels e Bachofen, e defende o "direito do pai" como necessário para o desenvolvimento do indivíduo. Em As principais questões da ética sexual, nega que a felicidade seja o critério realista de casamento e minimiza a importância do erotismo no

casamento (Kandal, 1989, p. 133). Segundo ela, a mulher deve ser educada para uma profissão, a fim de conseguir autonomia. Em outro ensaio escreveu que a escolha de uma profissão não exige a esposa das tarefas domésticas.

Mariane foi porta-voz de Weber; suas posições revelam o tipo de feminismo defendido por ele; um feminismo que pretende a libertação da mulher do autoritarismo do matrimônio, mas não das amarras que submetem a esposa ao marido, nem do puritanismo que iguala a moral com a ética sexual sem prazer. A alternativa de Weber para o autoritarismo de Bismarck era um patriarcalismo melhorado; em outras palavras, Weber cultivava em si a raiz de Bismarck, mesmo podando seus espinhos. A própria relação de Weber com Mariane era a de professor-aluna. Weber fazia a exposição, instruía e corrigia; ela lhe dava a total veneração que contribuiu para sua realização pública (Kandal, 1989, p. 133-134).

### **Weber e o movimento erótico**

Outro cenário, ligado em parte ao anterior, que ajuda a conhecer melhor a posição de Weber, se dá na relação que este mantém com o movimento erótico. Este movimento surge como resposta ao conflito da sociedade vitoriana como um todo, ao patriarcalismo da nova raça do super-homem na Alemanha, ao materialismo científico e ao positivismo que exageravam os domínios masculinos e destruíam a vida de muitas pessoas. Algumas mulheres revelaram-se, resolvendo incorporar outras possibilidades para a vida humana. Defendiam o erotismo como um valor criador de vida, acima de todos os outros. Este movimento fez prevalecer a vida e o amor sobre a lei e a ordem (Kandal, 1989, pp. 108-110)

Otto Gross é um representante deste movimento. Encontrou em Weber um forte adversário. Foi psiquiatra de profissão, aluno de Freud. Chamou a atenção pela sua capacidade criativa, radicalismo intelectual, carisma e dedicação de sua vida a serviço daquilo que acreditava: a construção de uma sociedade livre do controle (Schwenker, 1996, p. 1). Enquanto Freud enfatizou a ideia da base sexual das neuroses, Gross enfatizou os fatores sociais e culturais como causadores dos distúrbios mentais.

Os constrangimentos normativos, impostos pela sociedade capitalista, engendravam estruturas de personalidade patogênicas justamente nesses indivíduos excepcionais, pois nenhuma oportunidade podia ser concedida ao seu desejo por formas desordenadas de autorrealização. Esta era a firme convicção de Cross: o conflito entre indivíduo e sociedade, resultante desta contradição, estava ligado fortemente à estrutura social e às disfunções psíquicas (Schwentker, 1996, p. 3).

Gross propõe uma utopia individualista e anarquista.

Max Weber entrou em confronto pela primeira vez com este movimento quando era membro da "Associação para a proteção das Mães" que sob a direção de Helena Stöcker, do movimento burguês de mulheres, atacou o casamento burguês convencional e defendeu uma nova ética de amor livre. Weber opôs-se energicamente a esta posição e abandonou a associação. Criticou fortemente Else Jaffe e sua irmã Frieda, esposa de Gross, aderentes ao movimento erótico e incentivou Mariane a defender as ideias dele, mesmo correndo o risco de romper com as amigas. A partir de 1907, entrou em contato com a obra de Freud e Gross. Tendo este submetido um ensaio aos editores do *Archiv für Sozialwissenschaft*, sob a direção de Edgar e Else Jaffe, Weber, numa carta escrita a Else Jaffe, rejeitou o artigo considerando-o não científico. Em sua argumentação fez uma oposição entre "ética heroica" e "ética comum", delineando uma ética de valores quase idealística e chamando a atenção para os problemas acadêmicos que guiam a academia por juízos de valor. Weber e Freud criticaram Gross por instrumentalizar o conhecimento médico-científico visando mudanças sociais e o rejeitaram como herege e não científico (Schwentker, 1996, p. 7).

Com o passar dos anos, Weber mudou sua relação com o movimento erótico, deixando de rejeitar seus comportamentos, por influência, talvez, da relação íntima que manteve com mulheres desse movimento, principalmente com Else Jaffe que foi sua amante e o acompanhou até a morte junto a Mariane. Abandonou também sua posição sobre a ética heroica, como luta do indivíduo pelos mais altos objetivos éticos, aceitando uma gradação no ético (Schwentker, 1996, p. 11). Conclui este autor que "a irreconciliabilidade

das formas de conduta erótico-estéticas com as realidades do nosso mundo moderno, constituíam para Weber um estado insuperável de tensão, que era necessário reconhecer como um fato fundamental da existência humana” (Schwentker, 1996, p. 16).

### **Roslin W. Bologh e Weber - Amor ou grandeza**

Weber está interessado no estudo das religiões como uma forma de conhecer os efeitos que a religião tem sobre a atividade no mundo, particularmente sobre a atividade econômica, e em perceber como os desafios entre a esfera religiosa e a econômica deram origem ao desenvolvimento de uma sociedade ética racionalizada. Esse desenvolvimento é devido a fatos históricos e está repleto de lutas de poder e conflitos em todos os tempos, grupos e classes. É desta forma que a sociedade ética racionalizada prevalece sobre a sociedade tradicional. Weber contrasta os efeitos positivos e negativos das religiões: paz e unidade por um lado, rivalidade e conflito por outro, mas aponta que as últimas são forças independentes capazes de destruir os grilhões tradicionais.

Para Bologh a Sociologia da Religião de Weber nos permite penetrar na dinâmica central de seu pensamento: a tensão entre amor e grandeza. A argumentação de Weber se dirige a defender que, para conseguir a grandeza no mundo, deve ser evitado o amor que torna os indivíduos e as nações vulneráveis à vontade dos outros. Mas o desejo de amor reaparece sempre por si, mesmo querendo excluí-lo. Weber luta então para colocar esse desejo separado e relegado na esfera do mundo privado e a religião fazendo a mediação entre o mundo privado e o público (Bologh, 1990, p. 138-139).

### **A constante presença**

A tensão entre o desejo de amor e a negação do amor está presente nas dicotomias que Weber traça entre êxtase e racionalidade; entre religiões consideradas femininas como o luteranismo e hinduísmo que acentuam a devoção erótica e o êxtase e religiões consideradas masculinas como o confucionismo e o calvinismo que acentuam a racionalidade sóbria. Weber tende a ver também um desenvolvimento das religiões que

parte de forças mágicas e estáticas para formas modernas, sofisticadas de ética racional. Esse desenvolvimento se dá através de fatos históricos que envolvem conflitos e repressão resolvidos pela religião de diferentes maneiras.

Eros, amor e êxtase aparecem constantemente no estudo de Weber, mas não como dimensões que poderiam influenciar ou estar presentes na vida pública ou na grandeza heroica. Ele as considera como forças que distraem os homens de seus deveres ou os revigoram para suas lutas. O amor erótico é visto como fuga do mundo racionalizado (Bologh, 1990, pp. 139-140).

Weber trata de dois tipos de religiões como tipos ideais. Os valores destes tipos de religiões, como tratados por Weber, se apresentam como opostos, exclusivos e assimétricos: Eros, emoção e amor por um lado, e racionalidade por outro. Os primeiros representam forças regressivas que arrastam de volta para o passado e para baixo. Os outros, de maior valor, devem dominar e reprimir os primeiros, fazendo-os aparecer como ausentes, falhos, secundários, suplementares, subordinados e inefetivos.

Para Bologh, essas categorias de valores podem ser vistas como diferentes aspectos e momentos de um movimento que supera a relação antitética e resulta em momentos novos da consciência para a sua orientação no mundo. A relação entre estes valores é complexa, ambígua e ambivalente e não pode ser reduzida simplesmente a masculino e feminino. Mas a análise que Weber faz da religião é complexa. Não dá à religião a função de apenas idealizar os valores da vida doméstica e dos oprimidos como faz o materialismo histórico. Weber reconhece que há uma dinâmica interna da religião presente nos valores sagrados (Bologh, 1990, p. 140-142).

### Valores sagrados

Os valores sagrados têm sido procurados de acordo com os interesses das classes ou grupos, segundo se trate de camponeses, intelectuais, cavaleiros guerreiros, sacerdotes, religiosos etc. Weber chama a atenção para a maneira diferente como são desenvolvidos os valores sagrados de uma classe que tem atividade prática no mundo, em contraste com outra que não tem atividade prática; entre os camponeses que buscam valores

sagrados estático-eróticos em contraste com os cavaleiros que buscam valores heroicos e consideram indignas as práticas desenvolvidas pelos primeiros. Os valores sagrados também podem ser influenciados pelas circunstâncias políticas, sociais e econômicas. Mas a religião tem também seus valores espirituais que influenciam as atitudes e orientações práticas (Bologh, 1990, p. 142-145).

### **Do deus guerreiro ao deus ético**

Os que conduzem rituais e produzem a experiência estática têm “carisma”, podem controlar espíritos e gozam de um poder especial que dá status. Com a distinção entre poderes no mundo e poderes carismáticos, matéria e espírito, aparecem os rituais mágicos que passam a ser exercidos por profissionais, que com seus poderes e interesses influenciam o desenvolvimento da religião mágica e a atividade no mundo (Bologh, 1990, p. 145-147).

Originalmente cada sociedade tinha seu deus. As sociedades agrícolas adoravam divindades terrestres, como por exemplo, a Mãe Terra. A sociedade política tinha seu deus que garantia seu sucesso. Por ocasião das conquistas militares e políticas, os deuses dos grupos conquistados foram considerados mais fracos, e passaram a ser venerados no templo do deus vencedor. Os deuses celestes, como representações dos heróis, guerreiros, conquistadores e de sua cultura, afirmaram-se como superiores às divindades das comunidades agrícolas, pacíficas e desarmadas. As atividades das sociedades de cavaleiros guerreiros são a conquista e a luta; atividades que estão para além do trabalho de produção e reprodução, que envolvem ação com a natureza. Por analogia com estas sociedades de guerreiros e conquistadores, suas divindades não estão para a produção e reprodução, mas as controlam.

O aumento da demanda ética é devido à formação de sociedades com uma estratificação social complexa, com conflitos e tensões, acumulação e comercialização de riqueza que tornam necessário o controle social. Divindades antropomórficas e transcendentais passam a manter com seus adoradores uma relação ética. Os deuses antropomórficos são concebidos de forma analógica aos governadores dos povos, não são controlados por rituais mágicos como os espíritos, mas passam a exigir um comportamento

ético que, se transgredido, é castigado.

Temos assim a representação de um deus ético, derivado do deus guerreiro e da sociedade política, o deus dos homens, para Bologh. Com a despolitização, pacificação e domesticação, esse deus masculino assume feições femininas de um deus de amor (Bologh, 1990, p. 147-151).

### **Sublimação do erotismo e mulheres**

Nas religiões das classes menos privilegiadas há um espaço e partilha mais igualitária para as mulheres dentro das práticas religiosas. Existiu uma grande acolhida da mulher em cultos proféticos, fora aqueles dos grupos de orientação militar ou política. As associações masculinas com atividades militares não só excluía as mulheres, mas serviam também para as controlar e sequestrar.

Os rituais de iniciação dos jovens varões tinham por finalidade adquirir uma alma nova, a alma do herói guerreiro. Isso se dava, por um lado, pelo abandono de sua vida pacífica e subordinada entre as mulheres e as crianças, e por outro, através de sua iniciação no mundo dos homens, onde deveriam se tornar heróis guerreiros, capazes de intimidar, subjugar, dirigir, matar e até assumir o risco de serem mortos, antes de permitir serem governados, como as mulheres e as crianças. Onde estas práticas acontecem, a mulher é vista sem a capacidade heroica e com um status secundário (Bologh, 1990, pp. 153-155).

Concluindo, Bologh vê na análise das religiões de Weber, um dualismo entre a experiência extático-erótica e a atividade prática heroica, entre amor e grandeza, feminino e masculino. Experiências estáticas, sob condições históricas, foram sublimadas em experiência ética. Isso mostra que sob formas éticas racionalizadas existe o poder do desejo primário de amor erótico estático; mas Weber não se pergunta pela importância destas forças no coração da religião ética e da vida social, mas as considera como alternativa para a ação racional ascética. Weber trata as religiões extático-eróticas e contemplativas como opostas e excludentes em relação às religiões éticas, racionais e ascéticas. As últimas

reprimindo as primeiras. Weber não analisa nem contempla a relação mútua entre elas.

O dualismo nos valores das religiões Weber o expressa também em relação às religiões de sociedades agrícolas, com divindades terrestres (espíritos) e religiões que adoram divindades celestes, representando a sociedade de guerreiros. Com a desmilitarização e pacificação, essas divindades assumem os traços de um pai bondoso que evoca sentimentos de devoção erótica e virtudes femininas.

O mundo público da atividade política e econômica origina-se da guerra, assim como as representações transcendentais de deus. Com o estabelecimento do estado burocrático imperial o deus transcendente dá lugar ao deus ético, universal, transcendente e pessoal, que faz a mediação das relações entre o público e o privado. Diante do deus ético, os fiéis devem provar-se a si mesmos, disciplinar sua vontade e desejos e submetê-los aos desejos e vontades superiores do deus patriarcal, para assim alcançar a salvação mediante a ação ética no mundo. A experiência que vem da contemplação e da realização do próprio desejo causam uma atitude passiva e não motivam para a ação prática no mundo.

Na realidade, observa Bologh, o desejo de amor nunca pode ser negado, ele aparece sempre de novo. Somos seres corpóreos e há sempre estímulos provocando a luta e o esforço para a ação. As religiões místicas exigem esforço para manter a vida e a luta contra as distrações do mundo. As religiões masculina e feminina, que Weber distingue como tipos ideias, podem, segundo Bologh, encontrar uma alternativa nas práticas mágicas que o feminismo tenta criar. Estas práticas inspiram estados psicológicos que tornam a pessoa capaz de resistir e superar seus sofrimentos encontrar prazer no mundo e poder em si mesmas. Dado que o sofrimento vem de estruturas sociais que excluem e desmoralizam estas práticas feministas visam inspirar e promover mulheres para resistir e superar estas estruturas, o que supõe ação prática no mundo, Bologh observa também que a sociologia de Weber pode ser lida a partir de uma tensão entre a comunidade subordinada composta primitivamente de mulheres e crianças e mais tarde de povos dominados e a comunidade política dos homens que governam (Bologh, 1990, p. 157-159).

### Vitoria Lee Erickson — Max Weber e a racionalidade

Erickson considera que o interesse de Weber pela religião se deve à necessidade de analisar o protestantismo ascético, com a finalidade de aperfeiçoar a prática religiosa ascética racional para criar uma poderosa nação alemã. Considerava que o Protestantismo ou racionalização religiosa seriam condições prévias para a formação do Capitalismo. Estes eram, segundo ele, fatores num conjunto de fatores que efetuariam a grande transformação do pensamento em direção “ao controle e ao domínio do mundo”.

Para Erickson uma teoria da desigualdade dos sexos está implícita na Sociologia da Religião de Weber, já que na sua pesquisa histórica das religiões, este reconheceu que no processo de substituir a motivação mágica por uma ética abstrata e universalista, foi necessário desenvolver uma antipatia pela sexualidade que, por inferência, significa antipatia pelas mulheres e pelo feminino.

### O ascetismo religioso racionalizado

Na sociologia de Weber, a religião racionalizada é a religião desmágica. A forma mais elevada de religião racionalizada é o Protestantismo Ascético das elites sociais e religiosas. É esse protestantismo ascético – Erickson o chama de experiência masculina – que dá origem à moderna cultura vocacional e burocrática capitalista. Que é hostil à magia, à sexualidade, à arte e às massas.

Erickson diz que para responder às exigências da época, o caminho que Weber encontrou foi a ciência e a racionalização. O estudo de Weber demonstra que a religião racionalizada, burocrática e ascética e a experiência masculina criam-se e constituem-se mutuamente. Toda a obra de Weber é perpassada pela tensão entre religião e magia; masculino e feminino; sociedade e comunidade; elites e massas.

Para Erickson, Weber documentou mais claramente as questões da vida das mulheres na sua Sociologia econômica e política do que na sua Sociologia da Religião; sua análise da vida primitiva documentou a longa história da tensão entre as mulheres e sua espiritualidade, e as necessidades da sociedade masculina. A nova religião tinha que combater um poder comunitário, para impedir uma visão comunitária radicalmente

diferente e alimentada pela sexualidade e pela arte. Neste sentido, afirma Erickson, a nova religião do moderno racionalismo ascético viu-se chamada a eliminar, reprimir e controlar a irracionalidade da massa. Por isso, sua teoria da dominação social que descreve tipos de ação social, autoridade e dominação, demonstra de que modo ele acha que o controle social é possível.

### **O poder político e a luz erótica**

Weber entendia profundamente o racionalismo moderno, tendo claramente articulado um de seus aspectos, mas importantes: o vocacionalismo ascético e a hostilidade deste contra a arte e a sexualidade. Ele considerava que a religião de salvação estava em tensão com o amor erótico. Essa tensão era resultado da natureza brutal e coercitiva do amor erótico. A análise do erótico de Weber, no contexto de sua tensão com a ética do amor fraternal, não apenas reflete a discriminação, a interpretação e a experiência masculina do Eros, como também reflete uma discriminação masculina particular que tem como objetivo a perpetuação do patriarcado em suas formas capitalistas e religiosas.

Para Weber, e a partir do ponto de vista do eu masculino moderno, o amor erótico é oposto à submissão, afirma a individualidade, pressupõe diferenças, glorifica a animalidade, é exclusivo, é um caminho alternativo em direção a Deus, está relacionado com o conflito, representa a vontade de possuir e envolve a violência espiritual.

Erickson, apoiando-se em Bologh, afirma que os interesses de Weber pela virilidade e pelo nacionalismo se centralizam nos elevados valores de individualidade e independência que tem Weber.

Para Erickson além da tensão entre masculinidade e feminilidade há também em Weber uma tensão entre masculinidade elitista e outros tipos de masculinidade. Já que ele faz a história da fé cristã cair na história da elite masculina ascética e intelectual; só reconhece a experiência de alguns homens cristãos, os homens que eram capazes de aliar-se às forças que produziram o moderno capitalismo racional.

## Repensando a religião

Weber considerava as crianças, as mulheres, os idosos, os homens desmasculinizados ou desmilitarizados e os oprimidos como atentos à magia. Portanto, a defesa da magia pode significar a defesa dos oprimidos. Erickson apela aos estudos de Starnhawk sobre a magia, que nos diz que o poder da bruxaria repousa na arte de alterar voluntariamente a consciência. Portanto, não seria possível permitir a existência desse poder, à medida em que polis em desenvolvimento consolidava seus mecanismos de controle social.

A consciência adormecida favorece a vontade pessoal permite que a pessoa adepta tome as próprias decisões e aja de acordo com elas. Querer significa reivindicar nosso poder, nosso poder de reclamar nosso futuro. O querer hoje em dia requer novos ritos, novos mitos, novas liturgias, novos símbolos da deusa, d legitimidade e benefícios do poder feminino. A magia, portanto, estabelece a legítima autoridade que favorece a ação e a tomada de decisões.

Carol Gilligan afirma que a ação da tomada de decisões é crucial para a vida moral, e que a base do desenvolvimento moral é a capacidade de fazer escolhas, de decidir entre ações e suas consequências.

Segundo Erickson, a ideia de assumir responsabilidade não é idêntica à noção de Weber com relação à autoridade masculina. Guiar os outros através das tempestades é assumir a responsabilidade pela vida deles, isso não equivale à noção feminista de responsabilidade. Gilligan afirma a influência, mas não o poder pela dominação de guiar os outros; a responsabilidade repousa numa avaliação das consequências de cada ação e seu efeito sobre os outros.

Weber precisa reprimir o feminino por razões políticas, livrar-se da magia.

Sob certas circunstâncias, todo detentor do poder político é forçado a ferir terceiros em benefício das suas metas. É por isso que ele não pode estar sujeito a nenhuma ética absoluta, e muito menos à dos evangelhos... E, acima de tudo, não importa a quais objetivos possa servir, ele precisa sempre ter fé neles para poder escapar à maldição da futilidade relacionada com a criatura. O político precisa estar preparado para perder a alma. O político é aquele que não tem alma; é aquele que não pode ser "tocado" pela dor de outro; que não se submeterá ao outro.

(Erickson, citando Weber, 1975, p. 82-84)

Erickson afirma que enquanto houver uma política privilegiada e hierárquica e relações sexuais privilegiadas haverá uma tensão entre os aspectos femininos e masculinos, e essa tensão se reflete no relacionamento religião e magia. A luta entre o masculino e feminino veio à tona em Durkheim e Weber, com a luta entre a religião e magia. Nas comunidades onde a base não era o poder e a dominação, e onde não se encontrava um pensamento dualista, a cultura dominante as reprimiu chamando-as de mágica e profana, por não se submeterem à autoridade patriarcal.

Erickson diz que o sistema religioso cultural do ocidente leva a pensar que essas comunidades se entregaram ao mal e que não têm opinião própria. Mas, a partir de um sistema de pensamento fundamentado na comunidade social do Eros, descobre-se que essas pessoas se submeteram a uma autoridade desconhecida daqueles que creem que vivem no bem e que têm opinião própria.

Erickson conclui seu estudo afirmando que, ao negar o corpo, a religião ocidental racionalizou sua interpretação de mundo. Que para Weber a vida desmágica era a sina dos tempos, mas que estudando Troeltsch e Freud é possível ver que, no centro da sina dos tempos, repousa uma identidade masculina, que cria uma espécie de ascetismo psico-espiritual patológico, que precisa de uma patologia social que apoie e estimule sua repressão e eliminação da vida sociável. Neste sentido, a vida pessoal de Weber poderia ser considerada um exemplo da articulação destes elementos, que estariam dando forma ao ascetismo moderno, racional e masculino.

Outro aspecto interessante para Erickson é a necessidade de aprofundar mais sobre a vida profana, sobre a magia, que segundo Weber impedem o progresso. Para Erickson a espiritualidade profana também precisa se submeter ao olhar crítico do feminismo. Tendo em conta os valores feministas da cooperação, da reciprocidade, da igualdade, do emprego democrático do poder comunal e do desfrute erótico do corpo e do trabalho, é necessário indagar: O que pode ser útil à espiritualidade popular, para a luta contínua pela libertação de todos os povos, e o que lhe será desfavorável?

Ela continua afirmando que a teoria social não é suficiente para abordar a libertação; que se faz necessária uma práxis, com o fim de avançar em direção à comunidade; nesse

sentido, considera importante transformar o espaço sagrado em espaço comunitário. Este espaço não seria um espaço “profano”, que traz consigo as limitações instituídas pelo sagrado. Faz-se necessário desenvolver maneiras pelas quais as categorias fragmentadas e isoladas da vida sociável “profana” possam falar umas com as outras. Este seria, dentro de sua proposta, o primeiro passo na organização de uma solidariedade necessária, para uma ação comum voltada para a criação de uma comunidade.

## Conclusão

A Sociologia da Religião de Weber permite-nos uma viagem ao processo profundo da construção do ser humano, através de seus mitos e religiões; uma viagem à construção de formas sociais de dominação sustentadas por ideologias entretecidas por mitos, em que se acumulam saberes, experiências e formas complexas de organização social.

O olhar da crítica feminista vai além da análise racional, abstrata, e se pergunta: Irreconciliabilidade entre amor e grandeza, erotismo e racionalidade, masculino e feminino: há uma tensão fundamental da existência humana que precisa ser enfrentada a modo de sina dos tempos, ou essa tensão pode ser questionada como uma construção da existência do ser humano, tendo por protagonista e sujeito privilegiado um modelo de homem e uma sociedade como Weber defendia que devia ser? Há uma condição irremediável do ser humano, que se transcende sempre mais, porque tem garantidas pela dominação e consagradas pela religião as bases de suas necessidades básicas, o sustento econômico, o afeto, o erotismo às custas da mulher e das classes e raças subjugadas? Weber estaria apontando, entre a saudade e a esperança, um caminho ao infinito da razão absoluta, das teses inchadas da modernidade, do progresso sem limites, da “liberdade, fraternidade e igualdade”, para as elites da “casa dos homens” e dos melhores competidores no mercado internacional?

A guerra que se travou dentro de Weber, um chamado profundo para ver até as raízes do ser a patologia de um modelo de civilização marcado pela dominação de elites masculinas, fez com que ele olhasse para a religião, tentando descobrir, também em seus

símbolos, algo que reconciliasse presente e futuro ameaçador e permitisse enfrentar o destino menos desencantadamente.

Manter o dualismo entre a racionalidade masculina e o erotismo feminino parece fundamental para Weber para continuar afrontando o destino. A negação do amor para manter a postura heroica da identidade masculina é insustentável; e a necessidade reaparece sempre. Como sair dessa situação? Bologh suspeita que para Weber a religião poderia fazer essa mediação. As mulheres, associadas ao mundo privado, em posse do amor, não alienadas do erotismo, mas “inferiores” aos possuidores da racionalidade alienados do seu erotismo, poderiam constituir um refúgio, um revigoramento secundário para os heróis da racionalidade. A ética ascética de “suas” mulheres, atividade prática no mundo privado, garantiria também as atividades domésticas como de fenderia Mariane Weber, sua esposa. A salvação da mulher, e até sua transcendência feminista liberal poderia dar-se no agradar ao “deus pessoal, transcendente, ético, racional”, representado pelo homem. Mais do que uma negação do erotismo, esta ideologia buscava o erotismo, tratava-se de situá-lo no seu devido lugar. E junto à mulher.

### Referências Bibliográficas

BOLOGH, Roslin W. *Love or Greatness. Max Weber and Masculine Thinking — A Feminist Inquiry*. London: Unwin Hyman, 1990.

ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o silêncio fala. Feminismo, teoria social e religião*. São Paulo: Paulinas, 1998.

KANDAL, Terry R. *The Women Question in Classical Sociological Theory*. Gainsville: Flórida International University Press, 1989.

SCHWENTKER, Wolfgang. *A paixão como um modo de vida: Max Weber, o círculo de Otto Gross e o erotismo*. Mirneo, palestra proferida em 1996.

WEBER, Max. *Economia y sociedad. Esbozo de sociologia comprensiva*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.